

Aula 4

MITOS RELACIONADOS À SURDEZ

METAS

Repensar algumas crenças que são compartilhadas socialmente a respeito da área da surdez pautadas em algumas mudanças que marcam a realidade da comunidade surda na contemporaneidade.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Desmistificar, à luz da história, determinados mitos ainda existentes relacionados à surdez.
Compreender as diferenças entre a visão patológica e cultural da surdez.
Entender as crenças relacionadas ao uso do aparelho auditivo.

PRÉ-REQUISITOS

Aula 2 – História da Educação dos Surdos
Compreender o processo histórico pelo qual passou a pessoa surda e entender as diferentes metodologias de ensino desenvolvidas ao longo dos anos.

Mônica de Gois Silva Barbosa

INTRODUÇÃO

Olá caro aluno!

Nesta aula você encontrará explicações importantes relacionados à surdez. Serão esclarecidos alguns mitos que são compartilhados socialmente e tidos como verdades. Para uma melhor compreensão do conteúdo que será abordado nesta aula, faz-se importante o estudo da Aula 2, pois conhecendo o processo histórico da pessoa surda ao longo dos anos, compreenderemos melhor as práticas discursivas relacionadas à surdez ainda vigentes nos dias atuais.

Para melhor organização desta aula, o assunto aqui abordado está sistematicamente desenvolvido em três tópicos. No primeiro, intitulado “Surdez: visão patológica versus visão cultural”, iniciaremos apresentando esclarecimentos sobre a visão patológica e cultural da surdez, discutindo o termo deficiência a partir desses dois vieses. Em seguida, no segundo tópico: “Surdez: o discurso da sociedade majoritária ouvinte”, refletiremos sobre o discurso social e seu ponto de vista sobre surdez. Por fim, no terceiro: “Aparelhos auditivos: alguns esclarecimentos” faremos uma breve explicação sobre as crenças relacionadas ao uso do aparelho auditivo. Portanto, os três tópicos aqui apresentados levarão você, querido aluno, a um repensar das crenças relacionadas à surdez.

SURDEZ: VISÃO PATOLÓGICA VERSUS VISÃO CULTURAL

Caro aluno, você já estudou, na Aula 2, a história da educação de surdo. Você entendeu que o processo histórico pelo qual passou a pessoa surda foi permeado de dores, lutas e conquistas. E foi nesse desenrolar dos acontecimentos que, historicamente, constituíram-se duas concepções da surdez. Em uma delas a surdez se define como deficiência, trata-se de uma visão patológica, fruto da tradição médica que vê o surdo com portador de uma deficiência, precisando ser “normalizado”, ou seja, tornar-se ouvinte. Na outra concepção, de viés cultural, a surdez é vista como diferença, há aceitação e valorização das línguas de sinais como também há o reconhecimento de que a pessoa surda pertence a uma comunidade com cultura própria.

A postura cultural, opondo-se ao viés patológico, entende que a surdez é uma diferença. Assim, corrobora-se com o pensamento de Sá (2002), Skliar (2010), Gesser (2009) e Fernandes (2005):

Muito além da dimensão biológica e limitada da surdez encarada como “deficiência auditiva”, “limitação fisiológica” ou “patologia”,

que os bancos escolares edificam sob a égide da cientificidade, está a dimensão sócio-histórico-cultural que a caracteriza como diferença construída historicamente e, portanto, geradora de identidades múltiplas e multifacetadas. (FERNANDES, p. 59 apud SKLIAR, 2009, p. 59)

É importante frisar que, ainda hoje, o discurso construído e aceito pela maioria das pessoas pauta-se no viés patológico da surdez, gerando concepções equivocadas de surdez, línguas de sinais e pessoa surda, como também empregos de termos inadequados como surdo-mudo, mudinho, entre outros. As referências às pessoas surdas vão do termo surdo-mudo, como se todos os surdos fossem mudos, ao reducionismo de se achar que o surdo é apenas alguém que não ouve ou a quem só falta falar.

Sobre essa questão terminológica surdo versus deficiente auditivo, Felipe (2005, p. 45) aborda o posicionamento da comunidade surda:

As pessoas surdas, que estão politicamente atuando para terem seus direitos de cidadania e lingüísticos respeitados, fazem uma distinção entre “ser surdo” e “ser deficiente”. A palavra “deficiência, que não foi escolhida por elas para se denominarem, estigmatiza a pessoa porque a mostra sempre pelo que ela não tem, em relação às outras e, não, o que ela pode ter de diferente e, por isso, acrescentar às outras pessoas.

Assim sendo, é fundamental que se entenda como se formam as representações sociais para que, através deste conhecimento, compreenda-se melhor o cotidiano escolar e, a partir dessa consciência, possam-se desenvolver estratégias pedagógicas que venham a contribuir para a melhoria da qualidade de ensino. (FERNANDES, 2005).

Essas concepções pautadas na medicalização têm gerado falhas no processo educacional das pessoas surdas. Apesar de as práticas educativas das últimas décadas terem gerado novos discursos em relação à surdez e à pessoa surda, ainda se percebe que as ideias dominantes de séculos, de que ser surdo é uma pessoa incompleta, falha e defeituosa, encontram-se disfarçadas em métodos equivocados, na tentativa de normalizar a pessoa surda. Skliar (2010) discorre sobre isso e assegura:

As ideias dominantes, nos últimos cem anos, são um claro testemunho do sentido comum segundo o qual os surdos correspondem, se encaixam e se adaptam com naturalidade a um modelo de medicalização da surdez, numa versão que amplifica e exagera os mecanismos da pedagogia corretiva, instaurada nos princípios do século XX e vigente até os nossos dias. (SKLIAR, 2010, p.7)

Portanto, a concepção patológica, dominante nos últimos anos, entende que o surdo é um deficiente no sentido de limitado, incompleto e falho. E essa limitação precisa passar pelo processo de correção através do processo de oralização, leitura labial, intervenção cirúrgica e assimilação da cultura ouvinte.

Apesar da vigência do discurso social pautado nesse viés patológico, como afirma o autor, há, no momento, um discurso a favor da concepção cultural. O próprio decreto de LIBRAS nº 5.626/2005 assegura no segundo artigo que pessoa surda é “aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.” (BRASIL, 2005)

Portanto, a legislação assegura o uso da língua de sinais e reconhece a presença da cultura surda. Da mesma forma o viés cultural entende o surdo como uma pessoa que tem uma língua própria – a língua de sinais – tendo também identidades e cultura próprias, a surda. Além disso, entende o surdo como grupo cultural minoritário e pertencente à categorização de “povo surdo” (STROBEL, 2009), ligados por um traço em comum, a surdez.

SURDEZ: O DISCURSO DA SOCIEDADE MAJORITÁRIA OUVINTE

Diante do que foi exposto no tópico anterior, ficou claro que a concepção predominante durante anos foi o viés patológico fundamentado no discurso médico que tem muita força e prestígio social, em detrimento do discurso da diversidade, do reconhecimento linguístico e cultural das minorias. Isso leva a sociedade a entender a surdez como uma marca negativa, reconhecendo-a na perspectiva do déficit, da falta, da anormalidade, pois o “normal” é ouvir, e o que diverge disso precisa ser corrigido (GESSER, 2009). Assim, a surdez, na maioria das vezes, é vista negativamente pelo ouvinte, mas não pelo surdo que aceita e assume sua surdez. Isso pode ser verificado no depoimento de uma pessoa surda trazido por Gesser:

A surdez é um problema quando a sociedade passa a me ver como um problema. Quando tenho a oportunidade de interagir com pares que me identifico através da língua de sinais, quando tenho a oportunidade de estudar em uma escola que utilize sinais, quando tenho meus direitos garantidos, me sinto apta e capaz. (GESSER, 2009, p.64)

No depoimento desse surdo, fica claro que a sociedade é que pode gerar barreiras linguísticas, educacionais e sociais. Portanto, conforme afirma Gesser: “a surdez é muito mais um problema para o ouvinte do

que para o surdo” (2009, p. 64). O discurso construído durante décadas fundamentando-se na visão patológica ainda é o discurso aceito pela maioria dos ouvintes. Entretanto, nos últimos anos, percebemos algumas mudanças e um novo olhar sobre a surdez: há um discurso que valoriza e respeita a língua de sinais, o surdo e a surdez. Esse mito de que a surdez é um problema precisa ser, definitivamente, combatido pelo discurso da valorização da diversidade linguística e cultural.

Outra crença presente na sociedade é acreditar que a surdez é exclusivamente hereditária, esse mito ainda é disseminado pelas ideias perpetuadas durante décadas oriundas de um período que acreditava que a surdez era uma condição que passava de pais para filhos. Partindo desse pressuposto, no início do século XIX, muitos acadêmicos promoveram campanhas para disseminar a exclusão social do surdo. Um grande defensor do oralismo, Alexander Graham Bell (1874-1922), defendia a ideia de proibição de qualquer tipo de contato entre surdos. De acordo com Honora, “O fato de que os Surdos se casassem para ele representava um perigo para a sociedade.” (2009, p. 24).

Apesar das pesquisas atestarem que são várias as causas da surdez, podemos entender que determinadas ideias presentes no dia de hoje são resultados de informações disseminadas durante décadas. Entretanto, esses mitos precisam ser desfeitos, pois apesar de percebermos mudanças sociais relacionadas ao surdo, o velho discurso, muitas vezes, infiltra-se em novas posturas relacionadas à surdez.

APARELHO AUDITIVO: ALGUNS ESCLARECIMENTOS

Há muitas crenças que permeiam a vida do surdo relacionadas ao uso do aparelho auditivo. Deve-se, primeiro, esclarecer que aparelhos auditivos são dispositivos eletrônicos que podem ser utilizados na região interna ou externa da orelha. Esses aparelhos tem a função de ampliar os sons deixando-os mais altos, permitindo as pessoas com perda auditiva uma compreensão melhor dos sons. Portanto, a pessoa com perda auditiva **profunda** ou **severa** escutará apenas ruídos e não a fala humana utilizando a língua oral como muitos pensam.

De acordo com Gesser (2009) muitas pessoas compartilham essa crença de que os aparelhos auditivos funcionariam para restaurar a audição do surdo que tem perda auditiva profunda. De acordo com a autora: “o que os aparelhos auditivos fazem é amplificar o som que possivelmente funcionaria para pessoas mais idosas que, com o passar do tempo, perdem parte de sua audição, ou mesmo para aqueles que têm um resíduo auditivo maior.” (2009, p. 73-74). Então, deve ficar entendido que para as pessoas com surdez severa e profunda, os aparelhos auditivos colaboram com a

Ver glossário no
final da Aula

estimulação da audição residual. A escuta auditiva e o discernimento dos sons vocálicos ou consonantais da Língua Portuguesa são identificados apenas pelos indivíduos que tem surdez moderada ou leve (GESSER, 2009).

CONCLUSÃO

Nesta aula refletimos sobre alguns mitos relacionados à surdez. Ficou claro que, apesar dos direitos conquistados pelos surdos nesses últimos anos, há crenças que ainda fazem parte do cotidiano social e escolar do indivíduo surdo. Esses mitos, perpetuados por décadas, prejudicam diretamente as práticas educacionais voltadas para os surdos, como também geram posicionamentos excludentes em várias áreas sociais. O discurso patológico de que o surdo é uma pessoa limitada e incompleta, pelo simples fato de apresentar a surdez, ainda se faz presente. Muitos pais e profissionais da saúde impõem o uso de aparelho auditivo e muitos educadores desenvolvem metodologias de ensino que privilegiam o uso da língua oral em prejuízo da língua de sinais.

Portanto, apesar dos avanços das pesquisas na área de surdez, dos direitos legais garantidos para os surdos nos últimos anos, ainda paira no ar um discurso de normalização da pessoa surda, acreditando que a oralização é o remédio e a correção da surdez.



RESUMO

Essa aula abordou alguns mitos relacionados à surdez ainda presentes no discurso social da atualidade. Para melhor compreensão, a aula foi desenvolvida em três tópicos: 1) Surdez: visão patológica versus visão cultural: fizemos um apanhado geral de duas concepções diferentes de entendimento da surdez; 2) Surdez: o discurso da sociedade majoritária ouvinte: refletimos sobre o entendimento que a comunidade ouvinte tem da surdez implicando diretamente em práticas excludentes; 3) Aparelho auditivo: alguns esclarecimentos: desmistificamos as crenças relacionadas ao uso de aparelho auditivo. Com essa aula, pretendeu-se compreender as crenças perpetuadas durante anos que estão presentes na atualidade e suas consequências nas práticas sociais e educacionais voltadas para pessoas surdas.



ATIVIDADE FINAL

- 1) Compreender as diferenças entre a visão patológica e cultural da surdez.
- 2) Aprofunde seu conhecimento sobre a visão patológica e cultural da surdez, desenvolva mais pesquisas sobre o assunto e, em seguida, elabore um texto esclarecendo as duas formas de conceber a surdez.

COMENTÁRIOS SOBRE A ATIVIDADE

Para realizar a atividade, o(a) aluno(a) deverá consultar o livro **LIBRAS? Que língua é essa? – Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**, de Audrei Gesser, publicado pela editora Parábola no ano de 2009.



AUTOAVALIAÇÃO

Você entendeu que ainda hoje há mitos relacionados à surdez que moldam o discurso social prejudicando diretamente o surdo?

Você compreendeu as diferenças existentes entre a visão patológica e cultural da surdez?

Ficaram esclarecidas as crenças que permeiam o uso do aparelho auditivo?



PRÓXIMA AULA

Discorreremos sobre os Mitos relacionados ao surdo, esclareceremos pontos importantes sobre Bilinguismo, Identidade e Cultura surda.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Deficiência auditiva**. Org. Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: SEESP, 1997.
- _____. Presidência da República. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Dispõe sobre a regulamentação a Lei nº 10.436 e o art. 18 da Lei no 10.098**. Brasília: 2005.
- FELIPE dos Santos, Tanya Amara. **Libras em contexto: Curso Básico**. 6ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.
- FERNANDES, Eulália. (Org.) **Surdez e Bilinguismo**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2005.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** – Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: parábola editorial. 2009.
- HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez** – São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- SÁ, Nídia Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.
- SKLIAR, Carlos (Org.). **Atualidade da educação Bilíngue para surdo**. Interfaces entre pedagogia e linguística. 3 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.
- _____. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009

GLOSSÁRIO

Perda auditiva severa: Perda auditiva entre 70 e 90 decibéis (dB). Identifica apenas ruídos familiares e vozes de timbre forte.

Perda auditiva profunda: Apresenta perda auditiva superior a 90 decibéis (dB). É uma perda muito grave, privando o indivíduo de escutar a voz humana.